

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Katiane Ap. Arruda Bueno

Entre os labirintos da Literatura e da História: uma leitura da
obra *O General em seu Labirinto*

Uberlândia

2008

3733
S.9(c)

Katiane Ap. Arruda Bueno

Entre os labirintos da Literatura e da História: uma leitura da
obra *O General em seu Labirinto*

Trabalho de Monografia apresentado ao Instituto
de História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Ms. Leandro José Nunes.

Uberlândia
2008

Katiane Ap. Arruda Bueno

Entre os labirintos da Literatura e da História: uma leitura da
obra *O General em seu Labirinto*

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Ms. Leandro José Nunes.

Examinador 1: Dr.^a Regina Ilka Vieira Vasconcelos.

Examinador 2: Prof.^a Dr.^a Dilma Andrade de Paula.

Aos meus avós (José Eduardo Arruda e
Brígida Rogério Arruda) com muito
carinho.

*“Um homem sem esperança e com
consciência de sê-lo não pertence mais ao
futuro.”*

Albert Camus

Agradecimentos

Gostaria de iniciar agradecendo a Deus, senhor e que da minha vida, cujas palavras são lâmpadas para meus passos. Agradeço a família a qual Ele me deu a benção de pertencer e de viver com eles: meu pai Mario, minha mãe Marilei, meu irmãozinho Thiago, meu avô José Eduardo e minha avó Brígida. A família por quem tenho um profundo amor e respeito, obrigada.

Também não poderia deixar de agradecer a minha tia Luzia e a Franci, que me receberam em sua casa por tantos anos, assim como também agradeço muito a tia Maria e ao tio José, que também me acolheram por tantos anos. Gostaria também de deixar meus agradecimentos aos meus padrinhos, Nilva e Antônio, que sempre se mostraram preocupados comigo.

Aos meus amigos, tanto os que estiveram mais próximos quanto os que estiveram mais afastados, mas nunca foram esquecidos. Aos mais próximos vai um agradecimento mais especial.

Assim gostaria de agradecer a Janaina, por tantos anos de amizade e conselhos, mesmo que não fossem sempre os melhores, por muitas risadas em comum, mesmo quando o momento não era o mais adequado.

À Kamilla, por uma amizade que prezo muito. Pelo tempo em que também me ofereceu seu “teto” e pelos dias que me deixou assistir a Liga dos Campões em sua TV, embora ela não tenha torcido pelo Liverpool na final de 2006/2007.

Encerrando a lista de amigos mais próximos gostaria de fazer, como prometido, uma menção especial a Rosangela. Foram menos de um ano de convívio, entretanto, fui um período muito bom, gostei muito de te conhecer, foram muitos momentos de alegria, tristeza também, mas valeu muito, você foi muito companheira.

Como não poderia deixar de ser agradeço ao professor Leandro, pela atenção, à paciência, ao muito que aprendi. Obrigada por me acompanhar neste longo período de trabalho e por ter me ensinado tanto, gostei muito.

Por fim gostaria de agradecer aos componentes da banca, Dilma e Regina, pela atenção e por lerem meu trabalho, obrigada.

Resumo

Este trabalho possui como objetivo analisar algumas questões que podem surgir com a leitura do romance *O General em seu Labirinto*, do colombiano Gabriel Garcia Márquez. Priorizando o período menos glorioso de vida de Simón Bolívar, o romance traz um Bolívar contestado por seus inimigos, amargurado por não conseguir ver realizados seus projetos, e que agora tem como única solução imigrar.

Assim, será abordado, em um primeiro momento, a realidade de caos e instabilidade com o qual se depara o personagem, proporcionando-lhe comprovar que os projetos que traçara para o continente não se realizariam. Logo após este primeiro momento, será feita uma análise mostrando como o romance vai recriar um personagem que parece se distanciar gradativamente da idéia de “pátria”, bem como vê se estabelecer um embate entre o passado(glória) e o presente(glória), como um modo de se questionar sobre problemas que não conseguiram ser solucionados.

Palavras chave: Guerras de independência. Projetos. Exílio. Pátria.

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo I: <i>Bolívar</i> : entre projetos(quimera) e realidade.....	13
Capítulo II: De líder a exilado, de desterrado a pai da pátria	29
Considerações Finais	43
Referências bibliográficas	45

Introdução

Ao lermos determinadas versões das chamadas histórias pátrias oficiais, é quase certo nos depararmos, em todos os países, com a figura dos grandes heróis nacionais, aos quais é atribuída a responsabilidade pela construção da nação, seja num passado remoto que se reveste da camada protetora do mito, seja num passado recente, que se quer real e objetivo. É assim no Brasil, é assim em qualquer outro país. Geralmente esses grandes heróis são homens extraordinários, dotados de qualidades guerreiras, responsáveis por inúmeros triunfos, de grande valor ou magnanimidade. Até aqui, a caracterização dos heróis não apresenta novidades. Mas o que pensaríamos se nos deparássemos com um herói que invocasse justamente o oposto das características citadas acima?

Em *O General em seu Labirinto*, romance escrito em 1989 pelo colombiano Gabriel García Márquez, ganhador de um Nobel de Literatura, encontramos exatamente um herói que evoca o oposto daquelas qualidades que deveriam estar presentes nesses homens excepcionais, ainda mais em um herói que será utilizado para representar a grandeza de um país. O herói revivido por García Márquez é Simón Bolívar, talvez pouco conhecido no Brasil, mas um nome de singular importância para alguns países da região norte de nosso continente, como Colômbia e Venezuela, por exemplo.

Acompanhamos com García Márquez a reconstrução de um personagem que, teoricamente, pertence ao campo da história, além da abordagem do período histórico no qual este personagem viveu. De modo que, utilizando o diálogo iniciado há algumas décadas entre história e literatura, penso ser o romance uma ótima fonte para abordarmos questões relacionadas ao período histórico e ao personagem.

A utilização da obra literária deve-se ao fato de que a história e a literatura se aproximam quando perseguem um mesmo objetivo, que é analisar, revelar as ações humanas, sendo que, no entanto, guardam formas diferentes de realizarem seu trabalho. Como aponta Sandra Jatahy Pesavento: “*História e Literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a História tem a pretensão de chegar ao real acontecido*”¹. Buscar o real seria, então, tarefa do historiador, mas este também sabe que a história

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.55.

estabelece regimes de verdade, nunca a verdade como tal. No trabalho do historiador, são as questões formuladas que iluminarão seu olhar, transformando os indícios ou traços que chegam desde o passado em fontes ou documentos a serem interrogados por ele. Além do mais, o historiador deve ter em mente que mais importante do que os resultados obtidos, são as reflexões levantadas.

Sabemos que, com a História Cultural, a própria ocupação da história veio a ser redefinida. Ela contribuiu muito para a ampliação de fontes que o historiador pode utilizar em sua pesquisa, abrindo um rico diálogo com outras disciplinas. Com essa grande possibilidade de pesquisa cabe ao historiador escolher o método (o *como*) e iniciar seu trabalho. É o método que fornece ao historiador os meios de controle e verificação de sua pesquisa, e o documento ou fonte utilizada por ele consiste na prova de que o fato ocorreu.

Mas, mesmo tendo em vista que sua gama de atuação ampliou-se consideravelmente, a fonte ainda continua sendo um problema para o historiador, principalmente a forma como este a utilizará. Talvez essa própria margem de atuação muito ampla tenha depositado sua carga de “insegurança” sobre seus ombros. Mesmo aqueles que buscam a “solução” em um campo que tem se mostrado muito satisfatório para a atuação do historiador, como é o caso da literatura, deve-se tomar cuidado e prestar atenção ao alerta do historiador francês Roger Chartier:

Porque há historiadores que se interessaram em fazer leituras das obras literárias, mas freqüentemente sem sucesso, pois as liam como se fossem um documento singular que ilustrava os resultados o que corroborava o que as fontes e as técnicas clássicas da história tinham mostrado. Assim, é uma leitura redutiva, puramente documental e que destrói o próprio interesse de se confrontar com a literatura.²

Desse modo, como nos mostrou Chartier, a obra literária não pode ser tomada como mais um documento para comprovar que determinado sujeito praticou ou não determinada ação, que tal fato ocorreu ou não. Utilizada como fonte, a literatura pode revelar as contradições existentes em uma determinada sociedade, pode retratar a sociedade sem tantos maniqueísmos como às vezes encontramos na história, pode conter uma realidade às vezes relegada às entrelinhas da narrativa. Segundo Pesavento, seus personagens existem enquanto possibilidades e perfis que nos remetem ao campo das sensibilidades passadas, “verdadeiros no simbólico”. Para ela:

² CHARTIER, Rogers. In: **Cultura escrita, literatura e história** : conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit ; tradução Ernani Rosa. - Imprensa Porto Alegre : ARTMED, 2001, p.

São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo.³

O personagem com o qual nos deparamos em *O General em seu Labirinto* representa bem estas possibilidades presentes no domínio do literário onde, humanizado, ele pode sofrer, lamentar e se arrepender de ações passadas, mas nem por isso perde sua importância.

Na narrativa de García Márquez, após tantos anos de luta dedicados à América para libertar e unir os novos países, Bolívar será apresentado a uma dura e triste realidade, onde suas esperanças caem derrotadas ante a miséria, o caos e os regionalismos que ganharam força após a independência. Sendo assim, vemos seu sofrimento e desilusões aumentarem diante da comprovação de que os planos que traçara para o continente não passaram de sonhos.

Bolívar compartilhou um espírito que esteve presente em vários integrantes de sua geração, responsáveis não somente por organizarem e comandarem as batalhas militares pela emancipação de seus países, mas também por idealizarem no plano político mudanças e reformas que aconteceriam depois de vencidas as batalhas e alcançada a paz. Como mostra Prado, eles eram depositários de uma grande esperança no futuro: “*O mundo novo que surgia era para eles o lugar da liberdade, que se opunha à Espanha, reino do despotismo, da opressão e do arbítrio. A América era o espaço do novo, da esperança, do futuro.*”⁴ Bolívar também não foi o único deles a entregar sua vida nessas lutas e a sentir a ingratidão e frustração após terminar a guerra e seus planos se transformarem em escombros.

No geral, os movimentos de independência americana mostraram uma nítida separação entre reforma política e reforma social. Primeiro buscava-se conseguir a independência política para, num segundo momento, pensar em fazer reformas sociais. No decorrer de seu desenvolvimento, o significado das independências variou de acordo com a classe para a qual ela estava sendo “construída”. Para os explorados, podia ser a chance de se livrarem de uma vida difícil e injusta, já para seus principais líderes, San

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma *velha-nova* história. In: COSTA, Cléria Botelho da, e MACHADO, Maria Clara Tomaz(org.). **História e Literatura: Identidades e fronteiras**. Uberlândia, EDUF, 2006, p.15.

⁴ PRADO, M. O sistema colonial que a independência veio destruir. In: **A formação das nações latino-americanas**. 11º ed. São Paulo: Atual, 1994. p.14.

Martín, Bernardo de Monteagudo, Simon Bolívar, entre outros, podia ser a realização de seus ideais liberais burgueses, fortalecidos durante uma estadia na Europa, ou aprendidos em livros que entravam clandestinamente no continente. Ao fim, essas independências, buscadas e construídas em nome dos ideais liberais, se tornaram quase uma justificativa para os interesses dos setores dominantes *criollos*.

Depois de dedicar tantos anos em prol da libertação e, depois de completada a independência, lutar para unir as novas repúblicas latino-americanas, Bolívar via seus projetos cada vez mais distantes. Com este romance podemos analisar as decepções sofridas pelo personagem, ao perceber que não conseguiria forjar a América única e grandiosa que um dia sonhara:

– Em suma – concluiu o general – , tudo o que fizemos com as mãos os outros estão desmanchando com os pés.

– É uma ironia do destino – disse o marechal Sucre. – É como se tivéssemos semeado tão fundo o ideal da independência que agora esses povos estão querendo ficar independentes uns dos outros.

O general reagiu com grande vivacidade.

– Não repita canalhices do inimigo – disse – mesmo que sejam tão certas como essa..⁵

A verdade que o personagem parece querer esconder era bastante visível. Em cada página do romance pode-se perceber o clima de miséria, de desolação, de caos que ficou no ar. Despido da aura mágica de grande herói pátrio, Bolívar se verá só, vencido politicamente, preso entre o tempo passado e o tempo presente, isto é, entre as distantes vitórias e as presentes frustrações.

Assim, no primeiro capítulo analisaremos o quadro de caos e miséria que havia se instalado então na América, mostrando como a situação havia se tornado o oposto do que Bolívar idealizara, principalmente no que diz respeito ao seu projeto de integração continental. Ao fazer uma análise do clima que Bolívar encontrava nos povoados que percorria, esperamos também demonstrar que no romance, apesar de ser priorizado seu tempo de decadência, ele ainda possuía uma forte influência na região, o que levava as elites locais a combatê-lo incessantemente.

O segundo capítulo discorrerá a respeito de dois temas muito presentes na narrativa, a morte e o exílio, através dos quais pretendemos entender algumas preocupações que atormentavam o personagem e também entender como ele havia se

⁵ MARQUES, G.G. **O General em seu Labirinto**. – tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 25.

convertido em um forasteiro dentro da própria região que libertara. Outro ponto que será tratado no segundo capítulo diz respeito a forma como Bolívar, e outros pretensos heróis pátrios acabam incorporados a memória nacional. Além do mais, pretende-se também levantar algumas reflexões acerca de como, ao lançar mão do jogo entre passado e presente, o romance pode denunciar, ou ao menos suscitar, questionamentos relativos a problemas que não conseguiram ser solucionados em nenhum dos dois tempos.

Capítulo I

Bolívar: entre projetos (quimeras) e a realidade

“Nesta infausta revolução, tão infausta é a derrota com a vitória; sempre havemos de derramar lágrimas sobre nossa sorte; os espanhóis logo estarão acabados; mas nós, quando? Semelhantes à corça ferida, levamos em nosso seio a flecha, e ela nos dará morte sem remédio; porque nosso próprio sangue é nosso veneno. Felizes os que morrem antes de assistir ao desenlace final deste sangrento drama.”⁶

O início do romance mostra Bolívar e seus preparativos para aquela que seria sua última viagem, deixando Santa Fé, na Colômbia, em direção ao exílio, na Europa. Durante esta trajetória ao longo do rio Magdalena, Bolívar terá a oportunidade de refletir sobre o quadro político, social e econômico das novas repúblicas americanas, podendo constatar pessoalmente o quanto a situação se modificara desde que iniciara as lutas de independência. Assim, o personagem percorrerá todo este trajeto transitando entre o passado de suas lembranças e o seu presente, preso a uma realidade de misérias, de disputas regionalistas e fracassos políticos.

Bolívar dedicou anos de esforços e sacrifícios para conseguir ver realizado seu desejo de libertar o continente americano, a ponto de ser agraciado com o apelido de “El Libertador”, sem nunca abrir mão de seus ideais. Como bem o descreve o próprio García Márquez,

Da geração de americanos ilustrados que lançaram a semente da independência, do México ao Rio da Prata, era ele o mais convicto, o mais obstinado, o mais clarividente e que melhor conciliava o engenho da política com a intuição da guerra.⁷

Realmente havia sido assim, na guerra ou na política, onde quer que sua ação fosse solicitada, ele se fez presente. Desde que se lançara à tarefa de libertar o continente das amarras da Metrópole, Bolívar não cessou sua luta até conseguir concluir seu projeto quase obsessivo de tornar a América livre. No intuito de alcançar esse êxito,

⁶ SUCRE, apud: CASTRO, Moacir Werneck de, *Bolívar : (1783-1830)* / Moacir Werneck de Castro. São Paulo : Ed. Tres, 1973, p.166.

⁷ MARQUES, G.G. *O General em seu Labirinto*. – tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2005. p.84

consumiu uma das maiores fortunas da América, ganhou e perdeu várias batalhas, até tornar real o juramento feito sobre o Monte Sacro, em Roma: “ – *O que se deve fazer com esses galegos de merda é botá-los para fora da Venezuela a pontapés – disse. – E é o que eu juro que vou fazer*”.⁸ Comprida essa promessa, Bolívar só foi freado pelos obstáculos que a própria revolução desencadeou.

Depois de libertar grande parte do continente, como se fosse um paradoxo, agora o Libertador tinha que partir, e deixava para trás um rastro de incerteza, tanto em relação ao seu futuro, como dos povos que libertara. Perdido em meio a essas incertezas, sem saber como encontrar a saída ou mesmo sem forças para buscá-la, reconhece, quase à beira da morte, que se perdera em um “labirinto”: “*Carajos! – suspirou. – Como vou sair deste labirinto?*”⁹

A rota que Bolívar percorre através do rio Magdalena, indo em direção ao mar, demarca tanto o recorte espacial quanto o recorte temporal da narrativa. Espacialmente, os povoados pelos quais Bolívar passa, cada um representando um momento na sua vida, seja no passado glorioso, seja no presente amargo, assim como o cenário à sua volta, tão conhecido das muitas outras viagens pelo rio que desemboca no mar. O rio, então, pode ser visto como um canal por onde escorre o tempo e a história do personagem, um canal que faz a ligação entre passado, presente e futuro. Enquanto o barco que o leva em direção a um futuro incerto e apenas vislumbrado, processa-se o confronto entre o passado que aflora em sua memória e o presente que lhe toca viver. A viagem, agora, já não possui a dimensão de uma viagem iniciática, de descobrimentos, de preparação e aquisição de saberes necessários para a realização das tarefas a que se propunha o herói, mas uma viagem para fora, para o exílio, para um tempo que se recusava a ser pensado, já que era o tempo vivido e o tempo da viagem que preenchiam os dias do personagem. Este recorte temporal, que abarca os últimos cem dias de vida do Libertador, é a condensação dos múltiplos tempos e espaço onde são desencadeadas as reflexões do personagem, quando este se vê refém do confronto entre o passado e o presente, ao constatar que as guerras de independência haviam deixado mais do que a liberdade como legado, que haviam, na verdade, mergulhado a América nas lutas internas fundamentadas no egoísmo, nos particularismos, nos regionalismos e nas ambições de caudilhos e chefes militares. O fracionamento da América aparecia como o

⁸ Ibidem, p. 135

⁹ Ibidem, p. 266

fruto mais visível, e indesejado, das lutas travadas contra a metrópole. Percorrendo o rio, a memória mergulha na dialética passado-presente.

Como espaço físico, o rio Magdalena é, por si só, um importante elemento caracterizador da narrativa. Como o autor revela em seus agradecimentos, o rio possuía, também, um interesse todo especial em seu trabalho: "*Mais que as glórias do personagem, me interessava então o rio Magdalena, que comecei a conhecer em criança*".¹⁰ De qualquer modo, este rio representa um importante marco para a história e a economia da região.

A narrativa se desenvolverá, então, focalizando esses últimos cem dias de vida do Libertador, que correspondem ao percurso ao longo do Magdalena, dias cheios de amarguras e decepções originadas anos antes, com a sensação permanente de que Bolívar se encontrava em um "beco sem saída". Assim, enquanto transita por um labirinto formado por mil lembranças, encontros, desencontros e desvios, vai buscando fazer desta viagem sua rota de fuga de uma realidade que o perseguiria até a morte.

Ao escolher a metáfora do labirinto para nomear sua obra, o autor parece haver conseguido captar em suas páginas a situação na qual o continente mergulhava naquele momento, com uma incógnita sobre o seu futuro, transitando por um caminho cheio de idas e vindas, com soluções que se revelavam incompatíveis com os problemas que deveriam ser enfrentados. Era como se Bolívar houvesse andado em círculos o tempo todo, preso nesse labirinto de feitos e projetos que não vingaram. Era como se estivesse condenado a repetir esse trajeto até a morte.

O fato era que, após tantos anos de guerra, a liberdade foi alcançada. Entretanto, poucos sabiam como agir diante deste novo quadro: "*Já temos a independência, general, agora nos diga o que fazer com ela*".¹¹ Os desafios colocados após a independência eram realmente ainda mais complexos do que haviam sido as lutas travadas contra os espanhóis. Muitos homens e muitos projetos se perderam na tentativa de vencer esse novo estágio: "– *A independência era uma simples questão de ganhar a guerra – dizia-lhes. – Os grandes sacrifícios viriam depois, para fazer destes povos uma só pátria*".¹² Ante a distância que se abriu entre os ideais e as ações de seus líderes após a independência, a América começou a sofrer com a ausência de instituições

¹⁰ Ibidem, p.267

¹¹ Ibidem, p.104.

¹² Idem, p.104.

fortes, com as práticas democráticas débeis, com o confronto entre as elites locais e o governo central, com a disputa entre os projetos liberais e os conservadores.

Diante de uma realidade que lhe escapava por entre os dedos, Bolívar agora se encontrava, de certo modo, “preso” dentro da região, sem um passaporte, sem dinheiro, sem ser sequer reconhecido. Ironicamente, as pessoas pelas quais ele havia lutado em nome da liberdade, agora queriam se livrarem dele e o continente que ele tornara livre se convertera agora em sua prisão. Se a América se convertera em uma prisão, a solução teria que ser buscada em outro lugar, fora de seus limites. Por isso, ao se aproximar do mar, que seria teoricamente seu último obstáculo até a Europa, García Márquez descreve o personagem tomado por uma sensação de liberdade que não sentimos com frequência no romance: “ ‘*Deus dos pobres!*’, suspirou o general. ‘*Estamos chegando*’. *E assim era. Pois ali estava o mar, e do outro lado do mar estava o mundo*”.¹³

Todavia, sem conseguir atravessar o mar, preso a um destino tão ingrato quanto aquele das populações que encontrava pelo caminho, Bolívar refaz um trajeto por demais conhecido por ele, mas num outro tempo. Agora ele empreende uma viagem que se desdobrará em circunstâncias diferentes daquelas de velhos tempos. García Márquez inverte a condição social de Bolívar, que não pode mais comandar a situação, tornando-se então apenas mais um passageiro à deriva no barco que percorre o rio, levando seus últimos fiapos de vida e de esperança. De modo que:

Era a quarta vez que viajava pelo Magdalena, e não pode fugir à impressão de estar recolhendo os passos de sua vida. Sulcara-o pela primeira vez em 1813, quando era um coronel de milícias derrotado em seu país, vindo do exílio em Curaçao para Cartagena de Indias, em busca de recursos para prosseguir a guerra. Nova Granada estava dividida em frações autônomas, a causa da independência perdia alento popular diante da repressão feroz dos espanhóis, e a vitória final parecia cada vez menos certa. Na terceira viagem, a bordo do navio a vapor, como o chamava, a obra de emancipação já se concluía, mas seu sonho quase lunático da integração continental começava a se despedaçar. Naquela última viagem, o sonho já estava liquidado, mas sobrevivia resumido numa única frase que ele repetia sem cansaço: “Nossos inimigos terão todas as vantagens enquanto nós não unificarmos o governo da América.”¹⁴

Como podemos perceber, esta passagem confronta momentos distintos para o Libertador e suas campanhas. No entanto, o desejo de prosseguir na luta e em seu ideal de integrar o continente, mesmo quando o momento parece não ser o mais propício,

¹³ Ibidem, p.137.

¹⁴ Ibidem, p.102,

permanecem. Entretanto, esta viagem de agora era a sua “viagem de regresso ao nada”: “E o fez com um sorriso fingido, para não se notar que naquele 15 de maio de rosas inelutáveis estava empreendendo a viagem de regresso ao nada”.¹⁵

Bolívar passa então a caminhar dentro de uma circularidade estéril, que o leva incessantemente por um ir e vir em direção à parte alguma, deixando cada vez mais claro o quanto seria difícil sair daquele labirinto e comprovando que, por mais que tentasse, não conseguiria se desligar assim tão facilmente da vida política da América. Era o destino de quem por tanto tempo se dedicara a pensar e combater seus problemas, tais como a emancipação política, a dependência econômica, a integração continental, dentre outros.

A questão da integração dos países americanos foi sempre uma das maiores preocupações de Bolívar, uma das causas que ele mais defendeu durante sua vida, através da qual pensava poder construir “a liga das nações mais vasta, ou mais extraordinária, ou mais forte até então surgida na face da terra”.¹⁶ Defensor veemente da causa pan-americanista de integração continental, Bolívar poderá presenciar, durante a viagem, o quanto as novas repúblicas pareciam cada vez mais longes de formar a sua tão sonhada grande confederação americana.

Podemos apontar que a idéia de formar uma grande nação americana não foi uma idéia “exclusiva” de Simón Bolívar, tendo inclusive sido defendida por seu “precursor” Francisco de Miranda. Além de Bolívar e Miranda, outros personagens e pensadores da época também defenderam a formação de uma grande nação americana, de modo que esta idéia acabou ganhando terreno naquele momento. Como aponta Javier Ocampo López, esta idéia foi inclusive vista com otimismo e entusiasmo na região. Segundo o autor

algunos políticos y escritores en los Congresos y en los períodos, evadiéndose de su realidad vivida, pensaron en una nación poderosa y fuerte, con gran prosperidad; ellos avisaron un gran futuro con una sociedad libre ya de los males que según sus expresiones, atacaron a estos países en el coloniaje hispánico.¹⁷

Ainda segundo o mesmo autor, essa nação “poderosa y fuerte”, com um “gran futuro”, estava ligava diretamente à imagem de seu libertador, Simón Bolívar.

¹⁵ Ibidem, p.91.

¹⁶ Ibidem, p.80.

¹⁷ LÓPEZ, Javier Ocampo. “La separación de la Gran Colômbia en la desintegración del Império colonial hispanoamericano”. In: BUISSON, I; KAHLE, G; KÖNIG, H.J y PIETSCHMANN, H. **Problemas de la formación del Estado y de la nación em hispanoamérica**. Bonn, Alemanha: Inter Naciones, 1984, p.374.

Analisando desta perspectiva, fica mais fácil perceber a relação existente entre o ânimo do general e o rumo para o qual se encaminhava a política da região, quando seu sonho de integração continental já ruía aos pedaços.

A importância atribuída por Bolívar à união da América não surgiu quando, diante da independência conquistada, a região se transformou em um emaranhado de países cada vez mais fragmentados e desunidos, que ameaçavam se levantar em infindáveis guerras civis. Ao contrário, unir o continente era uma idéia que havia apresentado desde o início de suas lutas quando ele, ainda vendo a vitória distante, já expressava este desejo em seu Manifesto de Cartagena, no ano de 1812:

Yo soy de sentir que mientras no centralicemos nuestros gobiernos americanos, los enemigos abterán las más completas ventajas; seremos indefectiblemente envueltos en los horrores de las disensiones civiles, y conquistados vilipendiosamente por ese puñado de bandidos que infestan nuestras comarcas.¹⁸

A divisão entre as comarcas preocupava a tal ponto Bolívar que, neste mesmo documento, reiterava ser ela a principal causa da derrota sofrida pelos patriotas diante dos legalistas, durante a queda da primeira república. Naquele momento, em que a luta apenas começava, ele já apontava a divisão como o maior obstáculo para se chegar à liberdade da América: “*Nuestra división, y no las armas españolas, nos torno a la esclavitud*”.¹⁹

Nos momentos em que o personagem relembra a necessidade de acabar com a divisão entre as regiões reafirmando, a partir de então, seu “sonho” de integração continental, estas lhe parecem ser recordações bastantes amargas, já que no momento tudo se encaminhava para outro desfecho. Cada nova república surgida aspirava a livrar-se de uma união indesejada e da influência do próprio Bolívar. Nada mais sugestivo para ilustrar essa situação do que uma frase retirada do próprio romance: “*Cada colombiano é um país inimigo*”²⁰, ou outra encontrada um pouco mais adiante: “*Todas as idéias que ocorrem aos colombianos são para dividir*”.²¹ As duas frases ilustram bem como eram difíceis as relações entre as regiões que ele libertara, além de ser uma forma de admitir que a união, ao fim, não se concretizaria.

¹⁸ BOLÍVAR, Simón. Manifesto de Cartagena(1812). In: *Escritos políticos*. – 7ª ed. Madri: Alianza Editorial, 1990, p.52.

¹⁹ *Ibidem*, p.53.

²⁰ GARCÍA MÁRQUEZ, G. Op. Cit, p.240.

²¹ *Ibidem*, p.111.

Será, então, que um dos motivos que impediram a formação da grande nação almejada por Bolívar foi o clima de “inimizade” existente entre as várias regiões da América espanhola? Qual seria a causa dessa “inimizade”? Certo é que não se pode negar que existia uma certa discórdia entre essas regiões, mesmo antes de Bolívar perder seu prestígio ou iniciar sua retirada da vida política e militar pois, como poderemos acompanhar, manter as regiões unidas era algo muito difícil.

Podemos perceber claramente como era árduo, para Bolívar, manter o controle da situação. Por exemplo, quando o Libertador partia do norte para o sul, o norte entrava em guerra e, se ia do sul para o norte, era o sul que então se agitava: *“já dera por provado repetidas vezes que quando marchava do sul para o norte, e vice-versa, o país de onde saía se perdia à sua retaguarda, e novas guerras civis o arruinavam. Era o seu destino”*²². Assim ele *“já não tinha sequer para onde escapar”*²³ pois, a uma insurreição se sucedia outra, tornando cada vez mais complicado manter de pé seu *“sonho fantástico de criar a nação maior do mundo, um só país livre e único do México até o Cabo Horn”*²⁴.

Infelizmente, após se livrarem das armas espanholas, a divisão entre as novas repúblicas americanas não foi superada. A América, a partir de então, se veria muitas vezes mergulhada nas terríveis guerras civis que Bolívar tanto temia. Uma guerra que envolvia repúblicas supostamente irmãs representava um perigo por demais evidente e desastroso. Por isso Bolívar defendeu tanto a manutenção da Gran Colômbia e a criação do Congresso do Panamá. Temia, com razão, que uma guerra entre “irmãs” fosse mais prejudicial que a empreendida contra os espanhóis: *“Veo la guerra civil e los desórdenes volar por todas partes, de un país a otro, mis dioses patrios devorados por el incendio doméstico”*.²⁵ Ao fim, vencido pela realidade, ele se dá conta de como as guerras civis pareciam ser o destino reservado à sua grande pátria americana, e demonstra o quanto aquilo lhe doía no coração:

– As insurreições são como as ondas do mar, que se sucedem umas às outras – disse. – Por isso sempre as detestei. – E, para assombro dos visitantes, concluiu: – A que ponto chegamos, hoje em dia estou lamentando até a que fizemos contra os espanhóis.²⁶

²² Ibidem, p.118.

²³ Ibidem, p.159.

²⁴ Ibidem, 53.

²⁵ BOLÍVAR, apud SORIANO, Op. Cit, p.31

²⁶ GARCÍA MÁRQUEZ, G. Op. Cit, p.148

Diante da ameaça das guerras civis, Bolívar não tinha outra saída a não ser admitir que a realidade lhe fugira do controle: “ – *De modo que não há nada a fazer – disse o general. – Estamos tão mal que nosso melhor governo é o pior*”.²⁷ Entretanto, se por um lado a união estava cada vez mais distante, por outro, para ele se fazia cada vez mais necessária, sendo ela, de certa forma, a solução para combater a anarquia que então reinava: “*Não há alternativa: ou unidade ou anarquia*”²⁸.

O caos e a anarquia acabaram se instalando por toda parte. Esses elementos, aliados ao poder dos líderes locais, presentes dentro do próprio território americano, acabaram minando o sonho de integração defendido por Bolívar. Os embates que se desenvolveram entre Bolívar e esses líderes locais, também denominados caudilhos, não foram poucos e tampouco eram novidades. Assim, o país “imenso e unânime” com que sonhara Bolívar acabava não condizendo com uma realidade na qual

O Peru, em poder de uma aristocracia regressiva, parecia irrecuperável. O general Andrés de Santa Cruz levava a Bolívia de cabresto por um rumo próprio. A Venezuela, sob o império do general José Antonio Páez, acabava de proclamar sua autonomia. O general Juan José Flores, prefeito geral do sul, unira Guayaquil a Quito para criar a república independente do Equador. A república da Colômbia, primeiro embrião de uma pátria imensa e unânime, estava reduzida ao antigo vice-reino de Nova Granada. Dezesesseis milhões de americanos, apenas iniciados na vida livre, ficavam ao arbítrio dos caudilhos locais.²⁹

Sem um poder capaz de por freio à suas ambições, esses caudilhos não só se fizeram presentes, como trataram de exercer sua influência na política local e, desde que se aproveitaram das lacunas de poder existentes na região, galgaram posições e deixaram suas marcas pelo continente.

Se, inicialmente, as idéias de Bolívar encontraram solo fértil para se desenvolver, elas não tardaram a esbarrar com os interesses das oligarquias locais e com a realidade. Mesmo que o Congresso de Angostura desse luz verde à criação da Gran Colômbia, através da união entre Venezuela, Nova Granada e Quito, os problemas vigentes tornariam cada vez mais difícil sua manutenção. A Gran Colômbia foi o mais próximo que Bolívar conseguiu chegar na realização de seu sonho de integração continental, e não durou muito. Logo a instabilidade econômica, a miséria latente, as crises disseminadas com a independência, tratariam de mostrar como era frágil o elo que unia esses países. Assim

²⁷ Ibidem, p.147.

²⁸ Ibidem, p.111.

²⁹ Ibidem, p.25.

El regionalismo, el caudillismo militarista y civista, la anarquía ante el vacío de poder, la búsqueda de los modelos políticos administrativos para el nuevo Estado integrado, la fiebre constiucionalista, las crisis económica y social y otros factores, se convirtieron en las fuerzas contrarias a culminación de la nueva estructura del Estado grancolombiano.³⁰

O caudilhismo, as disputas regionalistas, a crise e a miséria foram alguns, dentre tantos empecilhos que se levantaram contra os planos do Libertador, que tanto contrariavam as oligarquias. Bolívar havia suscitado o ódio dessas oligarquias locais, em grande parte graças justamente ao seu projeto de integrar o continente, de modo que as *“oligarquias de cada país, que em Nova Granada eram representadas pelos santederistas, e pelo próprio Santander, tinham declarado guerra de morte à idéia da integridade, por ser contrária aos privilégios locais das grandes famílias”*.³¹

Todavia, falar que as oligarquias locais eram contra a integração e que odiavam Bolívar, é cair no óbvio. O que chama mais a atenção neste momento em que o personagem empreende sua última viagem é o fato desse ódio persistir, mesmo já tendo Bolívar renunciado ao poder e iniciado sua caminhada para o exílio na Europa. De modo que esse “clima negativo”, que cerca o personagem durante todo o percurso pelo rio, pode revelar mais que descrédito, disputas, rivalidades ou incongruências políticas. Talvez sirva para revelar que, acima de tudo e apesar do quadro nebuloso de então, Bolívar, ou ao menos seu nome, que já ganhava contornos míticos de herói, estaria e permaneceria sempre ligado à almejada união continental.

O próprio personagem parece estar ciente de como ele ainda influenciava a política da região: *“ – A verdade é que aqui só há dois partidos, os dos que estão comigo e o dos que estão contra mim, e o senhor sabe melhor que ninguém – concluiu”*.³² Mais à frente, sua presença e influência ainda continuará a se fazer sentir:

Sua irmã María Antonia lhe escreveu de Caracas: “Todos se queixam de que você não quis vir dar um jeito nesta desordem”, dizia. Os padres das aldeias estavam firmes com ele, as deserções no exército eram incontroláveis, e os montes estavam cheios de gente armada que dizia só querer saber dele. “Isto é uma sarabanda de loucos que não se entendem eles próprios, que fizeram sua revolução”, escrevia a irmã. Pois enquanto uns clamavam por ele, as paredes de meio país amanheciam pintadas de injúrias. Sua família, diziam os pasquins, devia ser exterminada até a quinta geração.³³

³⁰ LÓPEZ, Javier Ocampo. Op. Cit, p.375.

³¹ GARCÍA MÁRQUEZ, G. Op. Cit. p.204.

³² Ibidem, p.78.

³³ Ibidem, p.196.

Seus inimigos faziam questão de colocar nos muros insultos contra ele, de evocar suas noites libertinas como causa de derrotas em muitas batalhas pela independência, até acusavam-no de promover insurreições para voltar ao poder: “– *Grosserias infames – disse. – Enquanto eu perco meu tempo pregando a união, esses pobres-diabos me chamam de conspirador*”.³⁴

De modo que a região parece realmente dividir-se entre os que eram a favor e os que eram contrários a Bolívar, em momentos em que ele próprio não parecia capaz de suportar a situação, pois não agüentava mais nem as intrigas separatistas dos militares, nem os abusos dos políticos: “*Digam-lhes que estou tísico, para que nunca mais voltem*”.³⁵

Entretanto, conseguir escapar das disputas e decisões locais não lhe seria fácil. Prova de que a imagem de Bolívar continuava forte é o fato de que a Venezuela, sua terra natal, controlada naquele momento por Jose Antonio Páez, ao reiterar seu desligamento da Gran Colômbia, diz não haver acordo com Nova Granada e o Equador enquanto o general permanecesse em território colombiano:

Quem deu o golpe de misericórdia foi o congresso da Venezuela, reunido em Valencia, ao coroar suas deliberações com a separação definitiva e declaração solene de que não haveria acordo com Nova Granada e o Equador enquanto o general estivesse em território colombiano. Tanto quanto o fato em si, doeu-lhe que a nota oficial de Santa Fé fosse transmitida por um antigo conspirador de 25 de setembro, seu inimigo de morte, que o presidente Mosquera fizera regressar do exílio para nomeá-lo ministro do interior. “Confesso que este é o acontecimento que mais me feriu na vida”, disse o general.³⁶

Cabe refletir, então, porque a simples presença de Bolívar na Colômbia ainda suscitava tanto incômodo, sendo isso, por si só, mais um forte indício de que, mesmo em declínio, Bolívar ainda era uma ameaça aos interesses de muitos chefes locais. De modo que seu nome continuaria suscitando divergências, ele seria sempre uma ameaça para eles, sua imagem continuaria associada à idéia de integração continental e ainda persistiria a disputa entre seus partidários e seus inimigos.

Assim, se a viagem tinha como finalidade libertá-lo desse quadro obscuro, de rivalidades e hostilidades políticas, ela parecia lhe valer pouco, pois por onde passava, continuavam a lhe falar do quadro político, a população queria ser ouvida por ele e seus inimigos não cessavam de persegui-lo. Antes mesmo de partir em sua “viagem de fuga”,

³⁴ Ibidem, p.149.

³⁵ Ibidem, p.215.

³⁶ Ibidem, p.196-197.

enquanto ainda estava em Santa Fé, ele tem que suportar seus inimigos (“o partido demagogo”), jogando a população contra ele e enchendo as paredes da cidade de injúrias, levando-o a deixar “*o palácio do governo pela porta de serviço*”³⁷ e leiloar “*o pouco de valor que lhe restava*”³⁸, em um clima excessivamente pesado e hostil.

Realmente, por onde quer que Bolívar passasse, estaria ligado à política da região, de forma que, se não era atingido pelas infâmias dos inimigos, era procurado por velhos amigos e aliados, proporcionando então que ele continuasse a par dos acontecimentos locais. Nem os cuidados de José Palácios, “*seu servidor mais antigo*”³⁹, de lhe preservar das más notícias, pareciam suficientes, pois elas continuavam a chegar a seus ouvidos. Desse modo, por exemplo, encontramos referências em *O General em seu Labirinto*, de encontros entre Bolívar e seus partidários, nos quais estes o informavam do que se passava então.

A ligação entre Bolívar e a política local fica exemplificada na passagem em que o general Mariano Montilla, acompanhado de um grupo de seletos amigos de Cartagena, em uma visita que fazem a Bolívar, lhe expõem a situação. Mais uma vez o “*tema dominante foi o estado da nação*”⁴⁰. É assim que Bolívar fica sabendo que os bolivaristas de Cartagena haviam se negado a reconhecer tanto a nova constituição quanto os novos mandatários, e que o general Francisco Carmona estivera a ponto de promover um levante. Nessa visita, as boas notícias foram a neutralidade mantida por parte dos militares leais a ele e, principalmente, a nova constituição, que “*lhe pareceu melhor que o esperado, num momento histórico em que o perigo não era a derrota eleitoral, e sim a guerra civil fomentada por Santander em suas cartas de Paris*”.⁴¹

Assim, outra preocupação para Bolívar era o perigo de que a divisão e a rivalidade entre seus aliados e inimigos acabasse se transformando em uma guerra dentro da região. Sabia que nem mesmo poderia confiar em seus partidários locais: “*Tinham sido próceres ilustres com títulos de sobra na gesta libertadora, mas na política miúda eram famosos pela inconstância, pequenos traficantes de empregos, que chegaram inclusive a fazer alianças com Montilla contra ele*”.⁴²

Sem o consolo de poder acreditar sequer naqueles que agora se mostravam do seu lado como, então, poderia acreditar na possibilidade de ver realizado seu ideal de

³⁷ Ibidem, p.29.

³⁸ Ibidem, p.37.

³⁹ Ibidem. P.11.

⁴⁰ Ibidem.145.

⁴¹ Idem, p.145.

⁴² Ibidem, p.147.

integração continental, principalmente se ele viesse a faltar? Tamanha era a preocupação demonstrada por ele em relação ao que seria deste seu ideal de integração que utilizará a viagem como oportunidade para, através da influência que ainda lhe restava, insistir no apoio ao novo governo eleito:

As razões do general, como de costume, tinham uma inspiração profética: amanhã, quando ele faltasse, o próprio governo que agora pedia para apoiarem mandaria vir Santander, e este voltaria coroadado de glória para liquidar os escombros de seus sonhos, a pátria imensa e única que ele forjara em tantos anos de guerras e sacrifícios sucumbiria em pedaços, os partidos se esquartejariam entre si, seu nome seria vituperado e sua obra pervertida na memória dos séculos. Mas nada disso lhe importava naquele momento se ao menos fosse possível impedir um novo episódio de sangue.⁴³

Assim, mais uma vez, podemos perceber que, para Bolívar, se ele pudesse evitar uma provável guerra dentro da região, já seria um motivo para deixá-lo, ao menos, mais tranqüilo. No entanto, não abrirá mão de continuar a divulgar a importância e a necessidade de se buscar a união: “– *Quero dizer que o mais urgente é reunificar o país pelas armas – disse o general. – Mas a extremidade do fio não está aqui, está na Venezuela*”.⁴⁴

Assim, a viagem se torna, por que não, uma oportunidade para Bolívar repensar seus planos de unir o continente, visto que agora ele parecia cada vez mais distante. Ela também serve para que ele perceba que a miséria instalada por toda parte comprovava que havia também outros problemas a serem pensados e resolvidos.

As mudanças provocadas pela guerra são narradas de um modo bastante diferente. Apesar de ser uma narrativa em terceira pessoa, construída por um narrador onipresente, não deixa de constituir, sob certo ponto, um testemunho do personagem central que, como dito antes, não somente participou ativamente das batalhas como também teve importante atuação no momento de pensar a América enquanto Estado independente. Bolívar se vê diretamente envolvido pela carga emocional que aquelas visões lhe suscitavam, ainda mais em vista das lembranças que acabavam por transformar o presente em algo ainda mais doloroso de se viver.

Na narrativa, podemos acompanhar as transformações sofridas pela região, quando o autor vai explorando, principalmente, o confronto entre o presente e o passado do personagem, revelando as contradições de uma organização social e econômica em

⁴³ Ibidem, p.148.

⁴⁴ Ibidem, p.36.

profunda crise. Diante da anarquia e de um quadro político que não consegue se estabilizar mesmo Bolívar, acostumado a enfrentar toda sorte de problemas e se comportar como estadista, não consegue vislumbrar claramente o futuro: “– *Primeiro existir para depois modificar* – disse. – *Só quando se desanuviará o horizonte político é que saberemos se há pátria ou não há pátria*”.⁴⁵ Assim, uma das questões que percorre o romance será a iminente crise generalizada que explode após a independência, fazendo de Bolívar uma de suas principais vítimas.

Ao comparar as lembranças com a realidade, Bolívar não só comprova o quanto havia perdido o controle da situação, como também o quanto tudo havia caminhado para um desfecho oposto do que ele idealizara. Por onde quer que ele passe, a miséria parece ser um cenário constante, onde não faltam povoados desolados para tornar ainda mais amarga sua fuga:

Junto aos casarios desertos viam-se as roças semeadas de milho com cachorros em pele e osso latindo à passagem das embarcações, e mesmo nos lugares despovoados havia alcapões para caçar antas e redes de pescar secando ao sol, mas não se via nem um ser humano.⁴⁶

Um dos exemplos mais notáveis para se comprovar o quanto os estragos eram visíveis é o de Cartagena das Índias que, segundo a descrição do autor, agora não era nem mais sombra do que fora no passado: “*Tinha sofrido nove cercos militares, por terra e por mar, e fora várias vezes saqueada por corsários e generais. Mas nada a devastara tanto como as lutas de independência e, depois, as guerras entre facções*”.⁴⁷

Ao mergulhar na cruel realidade que agora devastava essas novas repúblicas, Bolívar vai se tornando mais e mais amargo, não tem como deixar de notar a realidade que muitas vezes tentavam lhe ocultar, mas que agora estava lá, posta diante de seus olhos. Perseguido por seus inimigos e indesejado até mesmo pela população que, em alguns locais, chegava a fugir à “*passagem das tropas do governo, porque as identificavam com ele*”⁴⁸, vai perceber o quanto todo seu esforço para buscar soluções havia falhado.

Na narrativa de García Márquez, há todo um clima de solidão que envolve o personagem, um personagem que também sabe que a maior parte de seus projetos dizia respeito mais a seus próprios sentimentos:

⁴⁵ Ibidem, p.203.

⁴⁶ Ibidem, p.97.

⁴⁷ Ibidem, p.173-174.

⁴⁸ Ibidem, p.220.

“No fim de contas, quem se enganou fui eu”, disse. “Eles só queriam fazer a independência, que era algo imediato e concreto, e como o fizeram bem!”. Estendeu ao médico a mão de pele e osso, para que o ajudasse a se levantar, e concluiu com um suspiro: “E eu, em compensação, me perdi num sonho, procurando o que não existe.”⁴⁹

Para Graciela Soriano, “*paricía, además, que el único que paseía una conciencia de solidaridad continental era Bolívar*”⁵⁰. Devido a isto, seus projetos se viram lançados ao vazio, sendo forçado a desenvolver toda sua engenhosidade política para tentar salvar o que restava de seus projetos, passando por cima de convenções, assumindo poderes ditatoriais, muitas vezes se contradizendo politicamente:

– Pois bem, tudo isso é certo, mas circunstancial – disse – porque tudo eu fiz o único objetivo de tornar este continente um país independente e único, e nisso não tive nem uma contradição, nem uma só dúvida.

E conclui a seu jeito:

– O mais é sacanagem!⁵¹

Ele, defensor da república, chegou mesmo a pensar na solução monárquica “*como fórmula desesperada para conquistar e manter a qualquer preço a integridade da América*”.⁵²

Entretanto, para desespero de Bolívar, seu objetivo de tornar este continente um país único e independente, teve um fôlego de vida muito curto. Concluída a fase militar do movimento em prol da independência, marcada pela vitória de Ayacucho, no Peru, em 1824, desaparece o elemento que aglutinava o movimento, isto é, o inimigo comum, os espanhóis. E esse momento, pode se dizer, marca também o declínio de Bolívar. Seu poder e ação passam a ser cada vez mais contestados. Os movimentos separatistas começavam a pipocar de um canto a outro. Como revela García Márquez em um determinado momento de seu romance:

O sonho do general começou a se desfazer no mesmo dia em que culminou. Nem bem havia fundado a Bolívia e concluído a reorganização institucional do Peru, teve de voltar às carreiras para Santa Fé, forçado pelas primeiras tentativas separatistas do general Páez na Venezuela e pelas intrigas de Santander em Nova Granada.⁵³

⁴⁹ Ibidem, p.223.

⁵⁰ SORIANO, Graciela. Introdução. In: **Escritos políticos**. 7ª ed. Madri: Alianza Editorial, 1990, p.38.

⁵¹ GARCÍA MÁRQUEZ, G. Op. Cit, p.205.

⁵² Ibidem, p.128.

⁵³ Ibidem, p.158.

Deste então, Bolívar se viu envolvido em inúmeras tarefas que acabaram lhe sugando o resto de saúde. Teve que combater a miséria, o caos e ainda enfrentar os fortes interesses das elites locais que, na Venezuela, acabaram se aliando a Páez, e na Colômbia, a Santander.

Santander também está fortemente presente no romance pois, como se sabe, ele também participou ativamente das lutas de independência no continente. Bolívar e Santander haviam sido amigos em outros tempos, tendo inclusive lutado juntos em prol da independência americana, no entanto, agora, encontravam-se definitivamente em campos opostos. Para Bolívar, o motivo que levou ao desentendimento final entre eles era muito claro: a união continental.

Desse modo, o motivo de seus desentendimentos ia além das desobediências de Santander, dos privilégios concebidos por Bolívar a Páez, ou dos poderes que acabou concentrando em suas próprias mãos. Então:

Não: não foram esses, nem tantos outros, os motivos causadores da terrível ojeriza que se azedou ao longo dos anos, até culminar no atentado de 25 de setembro. “A verdadeira causa foi que Santander não pode nunca assimilar a idéia de que este continente fosse um único país”, disse o general. “A unidade da América ficava grande nele”.⁵⁴

Talvez possamos dizer que, da mesma forma que Bolívar estava fortemente ligado ao ideal de integração continental, Santander ligava-se aos interesses de outros representantes daquela região, que não desejavam que a integração se consolidasse.

Páez pode ilustrar o quanto a revolução acabou se distanciando do povo. Em 1817 Bolívar havia promulgado um decreto no qual prometia o confisco de terras públicas da Venezuela, que seriam destinadas aos soldados republicanos. Entretanto, o governo decretou que os soldados seriam pagos com vales que só poderiam ser reclamados ao fim da guerra. Acontece que, quando a guerra terminou, a terra não foi dividida entre os homens que formavam a infantaria de despossuídos mas para os oficiais poderosos e que se apresentavam como responsáveis pela vitória, como foi o caso de Páez. Assim, Páez acabou se convertendo em um poderoso caudilho republicano nas planícies venezuelanas, formando um enorme latifúndio no Apure, convertendo-se na própria lei, com uma total indiferença ao governo central de Caracas.

Tanto Páez como Santander, cada um a seu modo, souberam se levantar contra os planos de Bolívar, ajudando a não torná-los possíveis. Outros empecilhos acabaram

⁵⁴ Ibidem, p.123.

surgindo com o próprio percurso dos acontecimentos e nem o gênio visionário de Bolívar conseguiu superar. Como nos aponta Soriano:

como la mayoría de los hombres educados en el espíritu de la Ilustración, creía que la razón en marcha era capaz de allanar todos los obstáculos y transformar con su sola revelación la realidad histórica; en este sentido, y vista la cosas con horizonte histórico corto, no tuvo – como no tuvieron tampoco otros hombres de su tiempo – medida de lo posible, es decir, del equilibrio entre lo que se quiere y lo que se puede, y el resultado de ello fue la frustración política.⁵⁵

É provável que, por seu afã para construir tanto em tão pouco tempo, pela necessidade de estar em tantos lugares simultaneamente, pelas dificuldades que se multiplicavam, principalmente nos últimos anos, Bolívar não pode perceber como eram grandes os obstáculos que se ergueram contara seus projetos, mais ainda o de integração que era, ademais, o principal deles.

Todos esses problemas acabariam mergulhando o continente em muitos anos de lutas e guerras internas, ou de guerras entre vizinhos. Buscavam soluções múltiplas para sanar os problemas que pareciam impermeáveis às fórmulas desenhadas no ar. Assim, transitando entre modelos políticos débeis e os inevitáveis fracassos, com uma economia constantemente em crise, com governos autoritários e militares, a América parecia percorrer um caminho tortuoso em busca de soluções que nunca chegavam.

⁵⁵ SORIANO, Graciela. Op. Cit. p.43

Capítulo II

De líder a exilado, de desterrado a pai da pátria.

“... 1º, la América es ingobernable para nosotros; 2º, el que sirve una revolución ara en el mar; 3º, la única cosa que se puede hacer en América es emigrar...”⁵⁶

Inicialmente, Bolívar parece acreditar que, se chegasse à Europa, conseguiria encontrar lá o merecido descanso e poderia se recuperar de tantos males sofridos, principalmente nos últimos anos. Iria se exilar em um lugar que, julgava, gostavam dele. À medida que a trama vai se desenvolvendo, nos vemos diante de um Bolívar que sentia cada vez mais forte e mais de perto o ódio dos povos. É reconhecendo esse ódio que prepara sua partida da Santa Fé: “*Vamos embora. – disse. Voando, que aqui ninguém gosta de nós*”.⁵⁷ No entanto, apesar de afirmar que partiria porque em território colombiano ninguém mais gostava dele, sua estratégia de deixar a região não parecia muito convincente. Na verdade, se tratava de uma manobra por demais utilizada para, a princípio, merecer crédito:

Seus renúncias recorrentes se haviam incorporado ao cancionero popular, desde a mais antiga, anunciada no próprio discurso com que assumiu a presidência: “Meu primeiro dia de paz será o último do poder.” No anos seguintes tornou a renunciar tantas vezes, e em circunstancias tão diversas, que nunca mais se soube quando era de verdade.⁵⁸

De forma que, agora, precisaria de mais do que apenas o anuncio de que deixaria o governo pois seus “*repetidos anúncios de que afinal ia deixar o poder e o povo por motivo de doença, e os atos formais que o pareciam confirmar, não passavam de repetições desmoralizadas de um drama por demais visto para merecer crédito*”.⁵⁹

Deste modo, cria-se uma incerteza inicial quanto aos rumos de sua viagem. Seus inimigos não acreditavam que fosse realmente partir, sentimento compartilhado também por seus amigos. Por isso, ao narrar sua despedida para a primeira parte de sua jornada, Garcia Márquez relata que, entre aqueles que o acompanhavam na sua despedida final

⁵⁶ BOLÍVAR, Simón, Carta a Juan José Flores. In: **Escritos políticos**. – 7ª ed. Madri: Alianza Editorial, 1990, p.169.

⁵⁷ MÁRQUES, Gabriel García. **O General em seu Labirinto**. – tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.11.

⁵⁸ Ibidem, p.22.

⁵⁹ Ibidem, p.24.

*“ninguém sabia ao certo, porém, quem o acompanhava por amizade, quem para protegê-lo e quem para ter a confirmação de que ia embora mesmo”.*⁶⁰

Bolívar parte realmente sem, no entanto, sua partida trazer qualquer forma de certeza. Mesmo aqueles que passaram a formar seu séquito pessoal, que teriam como missão acompanhá-lo nesta viagem sem destino, não sabiam ao certo para onde se encaminhavam: *“O que não podiam suportar era a incerteza que ele lhes fora infundindo desde que tomara a decisão de largar o poder, e que ficava cada vez mais insuportável à medida que continuava se arrastando aquela viagem sem fim para parte alguma”.*⁶¹

Esse clima de incerteza criado ao longo do romance, reforçado pelos adiamentos sucessivos, a falta do passaporte, como ele próprio gostava de clamar, o seu estado de saúde precário, pareciam ser motivos mais do que suficientes para não permitir que sua viagem chegasse ao destino previsto. Eram obstáculos a mais dentro do labirinto que, há anos, começara a envolvê-lo e que parecia cada vez mais difícil encontrar a saída.

Enquanto Bolívar e sua comitiva iam seguindo nesta viagem rumo ao exílio, rumo à lugar nenhum, ele se aproximava cada vez mais da morte. García Márquez deixa transparecer, na narrativa, uma certa despreocupação do Libertador em relação à morte:

Sempre encarara a morte como um risco profissional sem remédio. Tinha feito todas as suas guerras na linha de perigo, sem sofrer um arranhão, e movia-se em meio ao fogo contrário com uma serenidade tão insensata que até seus oficiais se conformaram com a explicação fácil de que se julgava invulnerável. (...) Andava sem escolta, comia e bebia sem nenhum cuidado com o que lhe ofereciam por onde andasse. Somente Manuela sabia que seu desinteresse não era inconsciência nem fatalismo, mas melancólica certeza de que havia de morrer na cama, pobre e nu, e sem o consolo da gratidão pública.⁶²

E assim haveria de ser pois, quando chega a hora de seu ajuste final com a morte, o cenário que o cerca, acompanhado de poucos amigos e velado apenas por alguns escravos, revela o quanto não havia sido pessimista naquela ocasião, apenas profético:

Examinou o aposento com a clarividência de quem chega ao fim, e pela primeira vez viu a verdade: a última cama emprestada, o toucador lastimável cujo turvo espelho de paciência não o tornaria a refletir, o jarro d'água de porcelana descascada, a toalha e o sabonete para outras mãos, a pressa sem coração do relógio octogonal desenfreado para o encontro inelutável de 17 de dezembro, à uma hora e sete minutos de

⁶⁰ Ibidem, p.43.

⁶¹ Ibidem, p.168.

⁶² Ibidem, p.16.

sua tarde final. Então cruzou os braços contra o peito e começou a ouvir as vozes radiosas dos escravos cantando a salve-rainha das seis nos trapiches, e avistou no céu pela janela o diamante de Vênus que ia embora para sempre, as neves eternas, a trepadeira nova cujas campânulas amarelas não veria florescer no sábado seguinte na casa fechada pelo luto, os últimos fulgores da vida que nunca mais, pelos séculos dos séculos, tornaria a se repetir.⁶³

Entretanto, se no passado Bolívar aparentava não se ater muito ao risco da morte, nesta viagem ele parece senti-la cada vez mais próxima, é um componente a mais em sua comitiva. Quando Bolívar deixa Santa Fé, seus passos passam a guiá-lo rumo ao encontro inevitável com ela:

Era o fim. O general Simon Bolívar José Antonio de la Santísima Trinidad y Palácios ia embora para sempre. Tinha arrebatado ao domínio espanhol um império cinco vezes mais vasto que as Europas, tinha comandado vinte anos de guerras para mantê-lo livre e unido, e o tinha governado com pulso firme até a semana anterior, mas na hora da partida não levava sequer o consolo de acreditar nele. O único que teve bastante lucidez para saber que na realidade ia embora, e para onde ia, foi o diplomata inglês, que escreveu num relatório oficial a seu governo: “O tempo que lhe resta mal dá para chegar ao túmulo.”⁶⁴

O referido tempo realmente não permitiria que ele viesse a alcançar seu destino almejado, isto é a Europa. O tempo, que muitas vezes já fora seu adversário, dessa vez levava vantagem sobre seu corpo cada vez mais enfermo e sua vitória final seria questão de meses.

Esta viagem, ao mesmo tempo em que marca seu destino rumo à morte, também delimita o confronto particular que ele travava entre a pátria e o exílio. Aquele que cruza o rio Magdalena não é mais o chefe militar que comandou e libertou a região nas lutas de independência, ou mesmo o governante que até então havia se dedicado a manter o controle na região. Agora, quem cruzava o rio era um desterrado, alguém que partia hostilizado pela população, um homem que ia embora porque não podia mais viver lá, não podia ir sequer para sua terra natal, Caracas. Assim, através dos diálogos que trava com seus oficiais, vemos como era dura a verdade que agora o envolvia:

- Que se diz no México?
- Não tenho ninguém lá – disse Iturbide. – Sou um desterrado.
- Aqui todos somos – disse o general. – Só vive seis anos na Venezuela desde que isso começou, e o resto passei vagando por meio mundo.

⁶³ Ibidem, p.266.

⁶⁴ Ibidem, p.43-44.

Você não imagina o que eu daria agora para estar comendo um cozido em San Mateo.⁶⁵

Ele havia passado tanto tempo pregando a formação da sua grande pátria americana, vagando de país em país, e agora que seu projeto de formar essa grande pátria se via frustrado, não podia sequer encontrar descanso em nenhum desses novos países que ele próprio, de certa forma, era o responsável por criar. Os representantes das oligarquias que seus projetos contrariavam não lhe dariam sossego enquanto permanecesse em território americano, por isso o escoraçavam de lá.

A partir daí acompanhamos um Bolívar corroído por esse sentimento de não pertencer a lugar algum, que sofre porque sabe que irá se sentir “*forasteiro em toda parte, e isso é pior que estar morto*”.⁶⁶ O que se pode notar então é que, após tantos desencantos, a América havia deixado de ser, ou ao menos assim lhe parecia, a sua pátria: “*Não, Herrán – respondeu. – Já não tenho pátria pela qual me sacrificar*”.⁶⁷ Pior, depois de haver sonhado criar a grande pátria americana, a maior nação do mundo, formada na liberdade e na glória de suas lutas, convive agora com o avesso deste antigo desejo e sabe que, no fim, não fizera mais que erguer castelos na areia:

– E por acaso acreditas que serás mais bem recebido na Venezuela? – perguntou o general.

Carreño não se atreveu a afirmar.

– Bem, mas pelo menos lá é a pátria – disse.

– Não sejas bobo – disse o general. – Para nós a pátria é a América, e ela toda não tem jeito.⁶⁸

Na narrativa de García Márquez, Bolívar agora estava condenado a passar seus dias em uma vã peregrinação. Ele havia se convertido em forasteiro, proscrito, desterrado, indesejado: “– *Agora as viúvas somos nós – disse. – Somos os órfãos, os aleijados, os párias da independência*”.⁶⁹ Bolívar parece finalmente perceber o quanto doía ter sacrificado tanto por esse conceito tão abstrato, a pátria.

Acontece que, após a consolidação da independência, e ao longo de todo século XIX, esses novos países surgidos na América espanhola se verão lançados em uma tarefa de todo complexa e dolorosa, que era forjar sua própria identidade, tendo que “inventar” uma tradição que singularizasse esse emaranhado de novas nações.

⁶⁵ Ibidem, p.187.

⁶⁶ Ibidem, p.225.

⁶⁷ Ibidem, p.43.

⁶⁸ Ibidem, p.170.

⁶⁹ Ibidem, p.103.

Entretanto, criar nesses países um sentimento de patriotismo, nacionalidade, construir laços verdadeiros, era uma tarefa por demais complexa. Como sabemos, essa não era uma tarefa de toda fácil, visto que:

La América independiente negó al pasado, indio, africano e ibérico, identificado con el retraso denunciado por la Ilustración; adoptó las leyes de una civilización pero aplastó las de nuestras civilizaciones múltiples; creó instituciones para la libertad que fracasarán porque carecían de instituciones para la igualdad y la justicia.(...) Y, en el peor de los casos, resolvimos la contradicción entre libertad y justicia cayendo en los extremos de la anarquía o el despotismo.⁷⁰

■ Diante disso, negar um passado constituído a partir da incorporação de culturas tão diversas, onde as raízes americanas simbolizavam, para as elites, atraso e miséria, as “soluções” trazidas de fora se mostraram insuficientes para resolver velhos problemas. O distanciamento que percebemos se estabelecer entre Bolívar, os líderes locais e a própria população parece ser indício bastante forte desse fato.

Assim, à medida que García Márquez vai recriando o contexto histórico em que Bolívar estava envolvido, podemos repensar como o Libertador, e todos aqueles que lideraram o processo de formação dessas novas nações, se viram no centro de um complexo processo histórico onde se confrontavam múltiplos projetos, múltiplas formas de se pensar a nação, a pátria, o país e, no fundo, a América como pátria grande. A estes líderes era exigido reestruturar a economia, promover mudanças sociais, criar e difundir entre a população os mitos e símbolos que configurariam algo tão novo e complexo como era os conceitos de pátria e de nação. Ou seja, para alguns, como Bolívar, tratava-se de desenvolver e difundir entre os povos das diversas regiões um sentimento de identidade americana. Para outros, a simbologia pátria deveria voltar-se para a construção de uma identidade nacional, o que significava valorizar a região, o país, singularizando-o frente aos demais países americanos.

Conseguir forjar uma identidade dos povos dessa região, dar legitimidade aos seus novos governantes, é um dos primeiros e mais fundamentais desafios no processo de formação do Estado e da nação. Principalmente nesses Estados hispano-americanos, onde não só se trocava um princípio de legitimidade que se apoiava na figura do rei por outro ancorado na abstrata “soberania popular”, como também era necessário definir o próprio conceito de povo do qual este princípio de legitimidade derivava. Como os novos líderes americanos puderam comprovar, nações novas exigiam um novo aparato

⁷⁰ FUENTES, Carlos. **Valiente mundo nuevo**. Épica, utopia y mito en la novela hispanoamericana. Mexico: Fondo de Cultura, 1990, p.44.

simbólico de identificação, assim como também era necessário resolver em que direções caminhariam conceitos como liberdade, justiça ou mesmo governo. E, mais importante, quais significados seriam atribuídos a estes conceitos.

O que acabaria persistindo seria a questão do local de onde poderiam ser resgatados os modelos responsáveis por dar forma à identidade nacional. Logicamente, as elites não estariam dispostas a romper com a Espanha e continuar a usá-la como modelo, muito menos iam querer resgatar seu modelo ou suas raízes na América ou na África. Como bem mostra Hans-Joachim Köning, o “resgate” de traços passados não poderia ser realizado de qualquer modo:

la rememoración del “pasado nacional”, de ciertos criterios culturales y étnicos, fue solamente selectiva e distinguió muy conscientemente entre el pasado útil e inútil. Útil fue únicamente la existencia de la población autóctona conquistada y subyugada por los españoles, con la cual los criollos se pudieran solidarizar e identificar con respecto a este estado de subyugación; inútil, en cambio, fue la tradición de la propiedad común indígena, porque parecía obstaculizar el futuro desarrollo nacional planeado y proyectado sobre el interés individual. Y, bien entendido, los criollos no aspiraban a reanimar las tradiciones indianas, pues basándose en ellas, lo indios tal vez pudieran reivindicar el poder.⁷¹

Também pode-se dizer que, mesmo quando se buscava resgatar uma identidade americana que pudesse revelar seus traços negros ou índios, deixava-se muitas vezes transparecer nas entrelinhas o desejo de se identificar com o branco, no caso, o branco desenvolvido.

As elites que se auto-atribuíram o “direito” de comandar o processo de formação dessa suposta identidade americana, lançaram mão de uma série de símbolos e de uma retórica política especial a fim de difundir idéias políticas, criar uma consciência nacional e determinar quem seria o portador da soberania. Tudo isso com o propósito de legitimar o processo que elas mesmas comandaram.

Sob o intuito de reunir ao redor de seus projetos a totalidade da sociedade, essas classes dominantes acabaram lançando mão de uma complexa rede de dispositivos culturais. Estes dispositivos, destinados a modelar a memória coletiva, foram elaborados através de imperativos políticos derivados do projeto nacional, cuja origem remete a essa mesma classe, tendo por objetivo perpetuar uma memória coletiva. Assim, torna-se

⁷¹ KÖNIG, Hans-Joachim. Símbolos Nacionales y Retórica Política en la Independencia: El caso de la Nueva Granada. IN: BUISSON, I; KAHLE, G; KÖNIG, H.J y PIETSCHMANN, H. **Problemas de la Formación del Estado y de la Nación en Hispanoamérica**. Bonn, Alemanha: Inter Naciones, 1984, p.398.

importante a difusão das imagens daqueles que teriam sido os responsáveis pelo “nascimento” desses países hispano-americanos como nações independentes. Estamos, portanto, no terreno da criação dos mitos e símbolos destinados a alicerçar a identidade nacional, ancorando-a no mito dos pais fundadores da pátria, depositários da legitimidade nacional.

A classe dirigente, em um constante pensar e repensar acontecimentos em busca da constituição da identidade nacional, procurava encontrar na história desses pais fundadores um laço que unisse seus feitos, suas memórias, à população. A classe dirigente pressente os riscos que desencadeiam uma comunidade política que deixa cabos soltos em sua memória coletiva, ela também esteve ciente do quanto ajuda a unidade da nação o cultivo de sentimentos que remetam à pátria, que auxiliem na coesão da identidade nacional.

Como sabemos, muitos dos símbolos, mitos ou referências sobre as quais se reportam os processos de construção da identidade, ou mesmo que buscam legitimar o direito das classes ditas dominantes, são resgatados do passado, numa releitura que filtra e separa aquilo que interessa ao presente. Assim, a forma que escolhemos para contar nosso passado revela muito da imagem que pretendemos construir no presente, sendo que os personagens ou heróis trazidos do passado têm como objetivo legitimar ou explicar o momento presente. Também sabemos que Bolívar ocupa um amplo espaço no desenvolvimento e na formação da memória nacional de muitos países da América Latina, por isto, conseqüentemente, ocupa também um lugar de destaque na simbologia, nas imagens e emblemas nacionais.

O problema, aqui, é que o Bolívar que emerge da narrativa de García Márquez, em que “*a glória lhe fugira ao corpo*”⁷², não condiz com a imagem dos “heróis” que povoam o panteão reservado aos próceres nacionais. O Bolívar humanizado criado por García Márquez talvez esteja mais próximo daquela parte da história que se busca mascarar e ocultar para evitar divergências ou incertezas. Convertido em fugitivo, mesmo na cidade que “*costumava transformar em festas pátrias o mero anúncio de sua chegada*”⁷³, esse Bolívar parece não ser o mais ideal para se suscitar sentimentos como unidade, autoridade ou soberania nacional.

De modo que, enquanto na narrativa parece se desenvolver uma contestação do sentido de pátria, produzindo um distanciamento entre ela e Bolívar, o próprio

⁷² GARCÍA MÁRQUEZ, G. Op. Cit, p.23.

⁷³ Ibidem, p.46.

personagem vai se distanciando da figura heróica que, muitas vezes, julgamos ideal para despertar junto à população a idéia de comunidade ou para representar a legitimidade nacional.

Analizando especificamente o caso de Bolívar, personagem bastante presente na história da América espanhola, Graciela Soriano destaca-o na história como sendo uma figura paradoxalmente louvada, denegrida e mitificada. Segundo ela:

interesa destacar el hecho de que, tratándose de un personaje tan discutido, las actitudes frente a él ofrecen un grandísimo margen de polaridad que va desde su consideración mítica o cuasi-mítica, hasta un absoluto desdén o desconocimiento de su significación histórica (de lo que son muestra algunos manuales de historia universal), sin olvidar que muchas veces han sido utilizados fragmentos aislados de sus escritos para justificar determinadas situaciones o posiciones políticas que resultan completamente extrañas a las concepciones de Bolívar en este campo y que conducen a interpretaciones deformadas de su vida y pensamiento.⁷⁴

Cientes dessa advertência, entendemos que Bolívar, como tantas outras figuras que ajudaram a construir e “dar cara” à história de seus países, acabam servindo aos mais diversos interesses, discutidos e solicitados das mais diversas formas pela historiografia.

Esses personagens, sobre os quais se desenvolveria a identidade nacional, constituem-se, na maioria das vezes, em imagens constantemente re-criadas e re-apropriadas pelos discursos em voga, de acordo com seus interesses. Esses discursos são elaborados de forma a construir uma memória nacional onde seus conteúdos e valores acabam se perpetuando como “verdadeiros”, “únicos”, “inquestionáveis”. Muitas vezes a construção da memória nacional pode também se fazer através do esquecimento, uma forma de amnésia seletiva, onde esquecer quer dizer confirmar determinadas lembranças, mais cômodas, em detrimento de outras. Talvez daí decorra o fato de na América ter se negado tanto a sua ligação com uma história anterior à chegada dos espanhóis, a história das sociedades indígenas, assim como a ligação com a África.

Bolívar acabou, com o tempo também sendo resgatado para o panteão dos grandes heróis nacionais sendo, dessa forma, incorporado à memória nacional de muitos países latino-americanos. Entretanto, para merecer tal lugar, teve que se ajustar ao

⁷⁴ SORIANO, Graciela. Introdução. In: **Escritos políticos**. 7ª ed. Madri: Alianza Editorial, 1990. p.12.

modelo do que supostamente seria um “herói nacional” e também acabou transformando-se em objeto de culto nacional.

Assim, por exemplo, seu “resgate” na Venezuela se deu, a princípio, com a repatriação de seus restos, transportados da Colômbia para Caracas, no ano de 1842. Foi durante o último terço do século XIX, sob o governo liberal de Antonio Guzmán Blanco, que a tarefa de incorporar Bolívar definitivamente à galeria de símbolos nacionais se concretizou, tratando de evocar uma épica bolivariana aliada à égide de “ordem e progresso”. A partir daí, se desenvolveu na Venezuela uma recuperação de sua imagem para satisfazer as exigências do projeto nacional então em voga.

Partindo do pressuposto de que a identidade se forma com o conjunto das imagens, símbolos e mitos difundidos e revividos na memória coletiva, o Bolívar que vive nessa memória teria que ser resgatado de um tempo anterior ao da decadência evocado por García Márquez. O próprio García Márquez não deixa de perceber o modo como a imagem do Libertador foi trabalhada e apropriada ao longo do tempo. É assim que nos adverte que *“à medida que sua glória aumentava, os pintores o idealizavam, lavavam-lhe o sangue, o mitificavam, até que o implantaram na memória oficial com o perfil romano de suas estátuas”*.⁷⁵ Esse é um artifício bastante explicável e justificável em uma sociedade na qual a questão étnica era tão importante e que, desde os tempos da colônia, ligava a posição social à cor da pele. Todavia, o autor não somente cita a apropriação que fora feita da imagem de Bolívar como, também, revela até o apelido que ganhou em Lima devido a seus traços: *“El Zambo”*. O apelido *“El Zambo”* é utilizado para se referir a pessoas que possuem uma considerável proporção de sangue negro, que podem estar manifestadas tanto na cor da pele, como nas características do cabelo.⁷⁶

Em consequência dessa utilização das imagens dos heróis e dos símbolos pátrios, a serviço da consolidação da memória coletiva, muitas vezes se torna difícil perceber a intermediação entre a glória (passado) e a decadência (presente), isto é, a lacuna que se estabeleceu entre um futuro que se queria glorioso e um presente de frustrações e derrotas. A partir daí, muitos discursos foram elaborados visando

⁷⁵ GARCÍA MÁRQUEZ, G. Op. Cit, p.184.

⁷⁶ Especificamente no Peru, onde Bolívar recebeu o apelido de *“El Zambo”*, há uma distinção entre zambo, que tem sangue negro ou índio, e mulato, de sangue negro e branco. Em Lima, o termo é de tal forma depreciativa e carregado de significação social que um zambo só conseguiria os empregos mais inferiores, e a própria utilização da palavra zambo supõe uma certa superioridade do emissor.

principalmente exaltar grandes feitos do passado, mas valem pouco na hora de questionar problemas do presente, o que resulta em um obstáculo em direção ao futuro.

Bolívar também se torna vítima do choque entre passado e presente, um presente que não é, nem de longe, o que ele idealizara. Sofrendo uma grande frustração ao acompanhar a realidade dos novos países americanos, parece incapaz de transpor a lacuna que se formou entre passado e presente, em consequência disso, tampouco pode vislumbrar um futuro melhor ou diferente.

O romance vai se apoiar nestes dois eixos de tempo, o eixo do tempo da decadência, que é o tempo no qual as ações transcorrem, e o eixo do tempo do passado de glórias, que se manifesta através das lembranças de Bolívar. O personagem chega, muitas vezes, até a confundir passado e presente, não se sabe quando está sonhando, não se sabe quando é delírio, ou quando são apenas lembranças:

– Vamos embora daqui, voando – disse o general. – Não quero ouvir os tiros do fuzilamento.

José Palacios estremeceu. Tinha vivido este instante em outro lugar e outro tempo, e o general estava idêntico, descalço nos tijolos crus do piso, com calções compridos e o gorro de dormir na cabeça raspada. Era um antigo sonho que se repetia na realidade.

– Não ouviremos – disse José Palacios, e acrescentou com uma precisão deliberada: – O general Piar já foi fuzilado em Angostura, e não hoje às cinco da tarde, mas num dia como hoje há treze anos.⁷⁷

Assim ele vai transitando entre delírios, fatos e sonhos, e sempre de frente para a dura realidade, uma realidade povoada por desilusões e misérias:

Os que permaneciam ali agonizavam de miséria, outros tinham partido em busca de novas guerras para sobreviver, ou se tornaram salteadores de estrada, como incontáveis licenciados do exercito libertador em todo o território nacional. Um deles resumiu numa frase o sentimento de todos: “Já temos a independência, general, agora nos diga o que fazer com ela.”⁷⁸

Lançando mão desse jogo entre os dois eixos, onde a decadência do presente acaba por sobrepujar as glórias do passado, o autor estabelece um embate entre o passado e o presente de Simón Bolívar, parecendo até não se tratar de uma mesma vida ou pessoa. Como apresenta a professora Vera Follain Figueiredo, para cada feito conquistado por Bolívar em seu passado, se coloca um “desfeito” no presente, como se *“evocadas a partir de um ‘presente’ de derrotas, as vitórias se tornam imagens*

⁷⁷ Ibidem, p.229.

⁷⁸ Ibidem, p.103-104

longinquas, perdendo em consistência e força".⁷⁹ Esse movimento, passado glorioso evocado por um presente em decadência, pode ser claramente percebido em várias passagens do romance, como:

Cumprimentando com o chapéu, do coche desconjuntado, o general não podia deixar de se ver sob uma luz de comiseração, ao comparar aquela recepção indigente com sua entrada triunfal em Caracas, em agosto de 1813, coroado de louro numa carruagem puxada pelas seis donzelas mais formosas da cidade, e em meio a uma multidão banhada em lágrimas que naquele dia o eternizou com seu nome de glória: O Libertador.⁸⁰

A dialética desencadeada pelo jogo entre passado e presente é a condição máxima da ação. Há o choque de um presente que teima em ainda se voltar para o passado. Os elementos de mudança encontram-se irreversivelmente presentes na obra, porém, é um presente quase estático, ou mesmo saudosista, a ponto do protagonista se mostrar arrependido de ter se lançado na guerra contra os espanhóis. É um tempo onde a mudança se encontra dividida entre o desejo latente do novo que não veio, e o medo do que ainda está por vir.

O passado do personagem é relembrado de maneira nostálgica, acentuando ainda mais o sentido da derrota vivida no presente. O presente agora transformava Bolívar em um vencedor-vencido. À medida que ele vai se aproximando mais e mais da imagem de um perdedor, fica a pergunta: mas apenas a face das glórias dos vencedores merece ser lembrada pela História? E a dimensão do homem despido da aura do herói, do homem que também faz a história quando fracassa, quando enfrenta os obstáculos como qualquer outro homem, isto não é, também, história? Isso só vem reforçar o perigo de alguns dualismos que, muitas vezes, encontramos na historiografia. Felizmente, enquanto romancista, Garcia Márquez pode lançar mão da liberdade de criar, ou recriar, um personagem em sua dimensão mais humana.

Garcia Márquez se lançou à tarefa de contar os últimos cem dias de vida do Libertador, revelando-os de modo bastante sensível, sem mostrar nem um super-herói nem um vilão, apenas revivendo os atos e projetos de um homem que vislumbrou um futuro livre e glorioso para seu continente. Mas, este homem e seus projetos, acabaram derrotados pelas disputas entre interesses divergentes, o que mergulhou o presente num

⁷⁹ FIGUEIREDO, Vera Follain de. Gabriel García Márquez: A história como labirinto. In: **Da Profecia ao Labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago. Ed. UFRJ, 1994, p.114.

⁸⁰ GARCÍA MÁRQUEZ, G. Op. Cit. p.173.

labirinto de incertezas e de sombras. O futuro havia se perdido entre as múltiplas divisões, entre os muitos caminhos de um obscuro labirinto.

Ao priorizar em sua narrativa o tempo menos glorioso da vida de Bolívar, Garcia Márquez pode também levantar questões relacionadas à independência e a tudo que se viu frustrado ao longo desse processo. A própria frustração demonstrada pelo personagem nos revela isso: – *Como nos custou caro esta merda de independência!*⁸¹. Seu desencanto com as situações que encontra ao longo do percurso vai se tornando cada vez mais forte e presente:

Como Fernando estava doente, começou por ditar a José Laurencio Silva uma série de notas um tanto descosidas que expressavam tanto os seus desejos como os seus desenganos: a América era ingovernável, quem serve a uma revolução ara no mar, este país caíra sem remédio em mãos da multidão desenfreada para depois passar a tiranetes quase imperceptíveis de todas as cores e raças, e muitos outros pensamentos lúgubres que já circulavam dispersos em cartas a diferentes amigos.⁸²

Assim, Bolívar parece não fazer a mínima questão de ocultar as amarguras que levava no coração, bem como não parecia ver um destino mais animador para a América. Talvez valha a pena transcrever aqui um longo trecho do romance, no qual podemos perceber o quanto ele se sentia perdido nesse transcorrer de tempo, e também o grande desanimo que acabara se instalando em seu coração:

Com o pensamento perdido nos engenhos da infância, caiu num profundo silêncio, a contemplar o fogo agonizante. Quando falou de novo, tinha voltado a pisar em terra firme.

– A coisa é que deixamos de ser espanhóis e depois andamos daqui para lá, em países que mudam tanto de nome e de governo de um dia para o outro que já nem sabemos onde *carajos* estamos. – Tornou a fitar por longo tempo as cinzas e perguntou em outro tom: – E havendo tantos países no mundo, como foi que nos ocorreu vir para cá?

Iturbide respondeu com um extenso rodeio.

– No colégio militar nos ensinavam a fazer a guerra no papel – disse. – combatíamos com soldadinhos de chumbo em mapas de gesso(...). Imagine que o mais famoso dos professores era um inglês aleijado que nos ensinava a cair mortos dos cavalos.

O general o interrompeu:

– E você queria a guerra de verdade.

– A sua, general – disse Iturbide. – mas vai fazer dois anos que me admitiram, e ainda não consegui saber como é um combate em carne e osso.

O general continuou sem olhá-lo de frente.

– Pois se enganou de destino – disse. – Aqui, em matéria de guerras, só haverá as que fazemos uns contra os outros, e essas são como matar a própria mãe.

⁸¹ Ibidem, p.174.

⁸² Ibidem, p.257.

José Palácios lhe recordou da sombra que estava quase amanhecendo. Ele então espalhou as cinzas com a vara e, enquanto se levanta agarrado ao braço de Iturdide, disse:
– Eu, em seu lugar, fugiria daqui, voando, antes que a desonra me alcançasse.⁸³

Todas as questões acima expostas eram reais, a instabilidade política, as guerras civis que se explodiam por toda parte, a desonra que acabaria perseguindo Bolívar até a morte. Tudo isso acabou se somando às outras mazelas herdadas da colônia. Assim, encontramos em várias passagens do romance questões que ficaram pendentes, que foram esquecidas ou se tornaram secundárias então. Muitos desses problemas ainda se fazem sentir até nossos dias.

Dessa forma, a narrativa também denuncia problemas, como a dívida externa que ameaça “*a independência conquistada á custa de tanto sangue*”⁸⁴, os Estados Unidos como “*onipresentes e terríveis e que, com aquela história de liberdade, acabarão por cumular a todos nós de misérias*”⁸⁵, dentre outras questões que ainda podem se mostrar bastante válidas mesmo nos dias de hoje.

O historiador, em seu ofício, sempre deve se manter atento para essa relação entre passado/presente, não olhando o passado como se fosse uma imagem estática, como se não houvesse uma ponte, um diálogo entre passado e presente. Deve compreender que, aquilo que o passado pode nos dizer, depende das perguntas que a ele fazemos, formuladas no e pelo nosso presente.

A história, de qualquer forma, está posta. Não serve apenas para consultar como foi que ocorreu determinado fato, mas para mostrar como sua interpretação pode ser uma luz para guiar o presente. Transcorridos quase duzentos anos, será que o que ficou “pendente” desde a independência ainda possui alguma importância, ou algum significado nos dias de hoje? Será que o modelo que Bolívar defendia, de integração continental, pode ser rastreado nas inúmeras iniciativas do século XX, como o Mercosul e outras similares? Se ainda faz tanto “sucesso” hoje, a questão da integração pode ser pensada como a solução para os males americanos? Fala-se tanto na união dos países latino-americanos mas, na maioria dos casos, trata-se de união econômica, com objetivos determinados e velhas questões esquecidas. A velha pregação de Bolívar,

⁸³ Ibidem, p.187-188.

⁸⁴ Ibidem, p.222.

⁸⁵ Ibidem, p.225.

retomada por José Martí em outro contexto, permanece como projeto de quem “ara no mar”.

Considerações Finais

Procurei desenvolver, neste trabalho, uma aproximação entre a história e a literatura, tendo por objetivo levantar algumas reflexões acerca de um importante personagem das lutas de independência na América Latina, Simón Bolívar, bem como deste período de grande importância para o continente.

Utilizando como fonte o romance *O General em seu Labirinto*, que narra os últimos cem dias de vida de Simon Bolívar, quando ele era uma estrela decadente, busquei fazer uma análise daquele difícil momento pelo qual Bolívar passava. A viagem que o leva pelo rio Magdalena, em direção ao exílio que nunca alcançará, era a viagem em direção ao nada, num tempo vivido como impossibilidade de ver realizado na América os projetos que havia traçado, principalmente o que se referia a unir o continente. Além do mais, como era intuito do trabalho, procurei demonstrar como, ao fim da guerra pela independência, o continente mergulhou nas disputas internas, o que gerou o caos e a instabilidade política. A liberdade, então, teve que ser reconquistada e redefinida ao longo do século XIX.

Este trabalho também buscou demonstrar como, tendo Bolívar seu prestígio cada vez mais contestado, se viu obrigado a abandonar a região pela qual lutara tantos anos. Ao realizar uma viagem que se assemelhava mais a uma fuga, o personagem recriado por García Márquez ajuda também a desenvolver algumas reflexões acerca das imagens de personagens que, muitas vezes, são construídas para, supostamente, representarem o panteão dos grandes heróis nacionais. Heróis construídos para encarnarem conceitos como liberdade, nação, pátria, revestidos da substância da grandiosidade que os tornam mitos, afastados dos mortais comuns. Mitos revividos como ritos nos dias das festas pátrias, mas também mitos vividos como verdade nos cadernos escolares. Aí está a grande contribuição de García Márquez ao humanizar e desvestir o mito.

Outra importante contribuição do romance pode ser percebida no campo da observação de que muitas questões vividas pelo personagem parecem ainda exercer uma forte influência em nosso tempo presente. Daí o fato de que muitos problemas narrados no romance ainda são sentidos até hoje.

A partir deste ponto de abordagem, problemas passados ainda ecoando na atualidade, encontramos a ligação que podemos estabelecer entre passado e presente.

onde a forma como direcionamos nosso olhar para o passado revela muito do que se tenta construir no presente. Através das palavras do historiador Eric Hobsbawm, podemos encontrar a chave dessa relação de resgate do passado para “contar” o presente, onde ele nos revela que o “*passado legitima. O passado fornece um pano de fundo mais glorioso a um presente que não tem muito o que comemorar*”.⁸⁶

Ao buscar na literatura uma fonte de pesquisa, muitas vezes podem surgir problemas que mereçam uma sensibilidade um pouco maior para serem superados. No entanto, um escritor, ao se propor trabalhar com um personagem ou período histórico, também pode se deparar com alguns deles. García Márquez, por exemplo, também se viu diante de algumas questões de cunho histórico que, com bom humor, comentou em seus agradecimentos, no momento de referir-se a Antonio Bolívar Goyanes, tipógrafo parente oblíquo do protagonista:

Teve a bondade de rever comigo os originais, numa caçada milimétrica de contra-sensos, repetições, incoerências, erros e erratas, e num escrutínio encarniçado da linguagem e da ortografia, até esgotar sete versões. Assim aconteceu surpreendermos com a mão na massa um militar que ganhava batalhas antes de nascer, um viúva que foi para a Europa com seu amado esposo, e um almoço íntimo entre Bolívar e Sucre em Bogotá, quando um deles se encontrava em Caracas e outro em Quito.⁸⁷

Utilizar a literatura como fonte para um trabalho historiográfico só veio a confirmar o quanto esta relação pode ser gratificante. Entretanto, é preciso saber que ainda temos muito a fazer nessa interação entre os dois campos de conhecimento. Penso em uma interação que ocorra em mão dupla, onde os historiadores sabem que, muitas vezes, a literatura pode lhes oferecer um caminho para perceber as contradições e sensibilidades de épocas passadas que, assim, se tornam mais acessíveis, de um modo singular, e onde os escritores sabem que a História é um palco apaixonante, repleto de tramas, enredos, ações e personagens que fazem história enquanto vivem-na. Para historiadores e escritores a História é, então vida vivida.

⁸⁶ HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.17.

⁸⁷ GARCÍA MÁRQUES, G, Op. Cit, p.270.

Referências bibliográficas

BOLÍVAR, Simón. Manifiesto de Cartagena(1812). In: **Escritos políticos**. – 7ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

_____. Carta da Jamaica(1815). In: **Escritos políticos**. – 7ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Rogers. In: **Cultura escrita, literatura e história** : conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit ; tradução Ernani Rosa. Porto Alegre : ARTMED, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola para você, Hayden White. In: **Gêneros de fronteira – cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.

FIGUEIREDO, Vera Follain de. Gabriel García Márquez: A história como labirinto. In: **Da Profecia ao Labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago. Ed. UFRJ, 1994.

FUENTES, Carlos. **O espelho enterrado** : reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo. – tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional : Rocco, 2001.

FUENTES, Carlos. **Valiente mundo nuevo**. Épica, utopia y mito en la novela hispanoamericana. Mexico: Fondo de Cultura, 1990.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LÓPEZ, Javier Ocampo. La separación de la Gran Colombia en la desintegración del Imperio colonial hispanoamericano. In: BUISSON, I; KAHLE, G; KÖNIG, H.J y PIETSCHMANN, H. *Problemas de la formación del Estado y de la nación en hispanoamérica*. Bonn, Alemanha: Inter Naciones, 1984.

KÖNIG, Hans-Joachim. Símbolos Nacionales y Retórica Política en la Independencia: El caso de la Nueva Granada. IN: BUISSON, I; KAHLE, G; KÖNIG, H.J y PIETSCHMANN, H. **Problemas de la Formación del Estado y de la Nación en Hispanoamérica**. Bonn, Alemanha: Inter Naciones, 1984.

MÁRQUES, Gabriel García. **O General em seu Labirinto**. – tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MIJARES, Augusto **El libertador**. – 3.ed. Caracas : Fuerzas Aereas de Venezuela, 1967.

CASTRO, Moacir Werneck de, **Bolívar** : (1783-1830) / Moacir Werneck de Castro. São Paulo : Ed. Tres, 1973.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Leituras Cruzadas**: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

_____. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. História e Literatura: uma *velha-nova* história. In: COSTA, Cléria Botelho da, e MACHADO, Maria Clara Tomaz(org.). **História e Literatura**: Identidades e fronteiras. Uberlândia, EDUF, 2006.

PRADO, M. O sistema colonial que a independência veio destruir. In: **A formação das nações latino-americanas**. 11º ed. São Paulo: Atual, 1994.

SORIANO, Graciela. Introdução. In: **Escritos políticos**. 7ª ed. Madri: Alianza Editorial, 1990.

HALPERIN DONGHI, Túlio. **Historia da America Latina**. – tradução de Carlos Nelson Coutinho. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.